

O filme O Milagre de Anne Sullivan auxiliando o trabalho do professor na escola: contribuições para uma educação inclusiva na formação de docentes.

The Anne Sullivan miracle helping the teacher's work: a contribution for an inclusive education

Marcelo Diniz Monteiro de Barros¹, Elaine Cristina Pereira Costa²

¹ Departamento de Ciências Biológicas da PUC Minas. Rua do Rosário, 1081. Bairro Angola, CEP 32.630-000, Betim. Minas Gerais, Brasil. marcelodiniz@pucminas.br

² Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz. Rio de Janeiro. elainebio@ioc.fiocruz.br

ABSTRACT: The paper presents the film "The Miracle Worker" as potentially significant material capable of subsidizing an extensive discussion of special education and inclusive education, as well as the relationships of the teacher at school.

Keywords: special education, inclusive education, film as a strategy for teacher's formation.

RESUMO: O trabalho apresenta o filme intitulado "O milagre de Anne Sullivan" como material potencialmente significativo e capaz de subsidiar uma ampla discussão acerca da educação especial e da educação inclusiva, bem como das relações do professor no espaço da escola.

Palavras-chave: educação especial, educação inclusiva, filme como estratégia para a formação docente.

INTRODUÇÃO

Dentre tantos recursos didáticos que podem ser utilizados pelo professor a fim de oportunizar o processo de aprendizado dos alunos, destacamos no presente trabalho o uso do cinema em sala de aula. De acordo com Oliveira (2006), mesmo sabendo que são montadas, a magia e o encantamento do fluxo de imagens fazem o espectador reagir como se fosse a própria realidade.

Foi discutida a utilização do filme "O milagre de Anne Sullivan" na formação dos futuros docentes, sugerindo-se a exibição não só para graduandos das diversas licenciaturas, como também para os alunos dos cursos de Pedagogia. Independentemente da disciplina lecionada, todos os professores podem em algum momento de sua prática docente enfrentar os desafios e limitações em lecionar seu conteúdo para

alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. O filme foi escolhido por se tratar de uma história real que apresenta a emocionante trajetória de uma menina cega e surda - Helen Keller, orientada e ensinada por sua professora que também fora praticamente cega na infância - Anne Sullivan. Sullivan fez nove cirurgias nos olhos e ainda tinha certa dificuldade para enxergar.

As cenas são muito fortes e nos remetem a outro mundo: o das inúmeras dificuldades que podem ser encontradas no processo ensino aprendizagem, sobretudo, se o aprendiz não ouve e nem enxerga. O filme tem uma nítida ligação com a disciplina Educação Especial, pois além da realidade da menina cega e surda, mostra as dificuldades encontradas pela família no cotidiano e, uma professora inserida no contexto, que conhecia bem de perto o “escuro” mundo de Helen.

O filme foi feito em 1962, tendo sido refilmado em 1979 e 2000 e retrata o ano de 1886. Na vida real, Anne Sullivan contraiu tracoma e foi violentada pelo pai antes de ser abandonada em um orfanato junto com seu irmão. Já Helen Keller, depois de anos de convivência com a professora Anne Sullivan, fez graduação em Filosofia, sabia as línguas francesa, alemã e latim e viveu de 1880 a 1968. Aos interessados, sugerimos outras fontes¹ de pesquisa acerca das protagonistas do filme.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, destinado a pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação, assegura:

I - garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades;

II - aprendizado ao longo de toda a vida;

III - não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência;

IV - garantia de ensino fundamental gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais;

¹ - American Foundation for the Blind – Helen Keller: <http://www.afb.org/section.aspx?FolderID=1&SectionID=1>

- Helen Keller International: <http://www.hki.org/about-helen-keller/>

- American Foundation for the Blind – Anne Sullivan: <http://www.afb.org/asm/>

V - oferta de apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;

VI - adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena;

VII - oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino.

Desta forma, apoiados nos direitos supracitados, a escola é um ambiente que precisa dispor de docentes capacitados e sensíveis para o recebimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, sobretudo por se tratar de um espaço em que o conhecimento e as interações sociais são constantes. Para que a escola potencialize a implementação dos direitos aos quais nos referimos, será necessária uma mudança de comportamento dos atores sociais que estão envolvidos no processo educativo. As universidades precisam rever, com bastante frequência, os seus modelos de formação de professores. Os governos das mais variadas instâncias, desde o federal ao municipal, devem capacitar melhor os seus professores para as interações com os alunos ditos especiais. Entretanto, por mais eficiente que seja essa capacitação em termos pedagógicos, o professor não é capaz de albergar todos os conhecimentos necessários à educação e ao desenvolvimento dos alunos e, nesse sentido, torna-se fundamental a presença de uma equipe multiprofissional e multidisciplinar, notadamente da área da saúde – como médico, dentista, nutricionista, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional – que tenha a formação adequada para que esses processos aconteçam. Por fim, o corpo discente e docente deve ser estimulado para uma convivência cada vez maior com a diversidade, combatendo, de forma incisiva, atitudes preconceituosas e intolerantes.

De acordo com o documento do Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004), a escola inclusiva:

“É aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades, é aquela que conhece cada aluno, respeita suas potencialidades e necessidades, e a elas responde, com qualidade pedagógica”.

Embora o documento cite a definição do que seria uma escola inclusiva ideal, reconhecemos que nem sempre a prática reflete as diretrizes deste documento.

Os direitos e as necessidades que alunos com necessidades especiais ou potencialidades possuem parecem já ter sido identificados e descritos neste e em outros textos. Contudo, a execução de boa parte do que está escrito ainda não alcançou êxito, infelizmente. Acreditamos que essa sensibilização deveria

ser iniciada já na formação inicial dos docentes, independente de sua especialidade e disciplina, de forma a prepará-los para receber tais alunos e assessorá-los no que for necessário.

É difícil imaginar a inclusão para os alunos com necessidades especiais inseridos no ensino regular público, juntamente com os alunos ditos normais, sem que o professor tenha a mínima formação e recursos para lidar e, de fato, ensinar esse aluno junto com os demais estudantes. Esse tipo de experiência torna-se certamente frustrante não só para o professor que pode ver-se impossibilitado de desenvolver suas aulas como gostaria com aquele aluno “diferente”, como também para o aluno que neste momento, provavelmente, se tornará excluído dentro de uma *tentativa de inclusão*.

Desta forma, defendemos que a capacitação dos professores deveria ser priorizada na organização curricular, independente da área, já que esses alunos estão galgando elevadas posições no ensino e chegando a cursos até então não alcançados. Assim, merecem uma formação cujo ensino esteja no mesmo nível e qualidade que os demais, de forma que não sejam prejudicados por suas notórias dificuldades ou facilidades, para que, de fato, possamos construir e efetivar a escola inclusiva.

METODOLOGIA

A metodologia desse estudo propõe a utilização de um filme comercial, intitulado “O milagre de Anne Sullivan” e possíveis conexões deste com a área de ensino e de educação. Espera-se que o professor possa destacar com os alunos cenas que subsidiem a discussão de temas relativos à educação especial, educação inclusiva, a relação professor-aluno, diferentes metodologias para facilitar o aprendizado, limites e desafios na educação de pessoas com necessidades especiais. Sugerimos que o professor não só elabore antecipadamente os tópicos que devem ser discutidos, como também solicite aos alunos que façam suas anotações ao longo da exibição do filme a fim de aprimorar sua percepção das cenas.

RESULTADOS

Como professores e pesquisadores, percebemos que a insistência e dedicação da professora Anne Sullivan devem nos motivar sempre no processo do ensino. A certeza que ela tinha de que Helen podia aprender as letras, construir as palavras e estabelecer uma ponte entre o que gesticulava e o que queria dizer associando corretamente as palavras aos objetos ou pessoas nos permite entender que um professor, na

maioria das vezes, é capaz de enxergar o potencial de seu aluno, sem que este esteja sequer ciente disso.

Há um ponto intrigante na convivência da menina em seu seio familiar. Por ser cega e surda era tratada de forma diferente, com o predomínio do sentimento de pena, como alguém que não merecesse conhecer regras ou limites, exatamente por ser uma criança e por já conviver com os limites impostos por sua saúde debilitada. Esse aspecto foi duramente combatido pela professora Anne, porque ela acreditava que, antes da deficiência, Helen era uma criança dotada de perfeito raciocínio, já que sua deficiência não era mental. Como qualquer outra criança, fazia birra quando queria algo e se revoltava quando era contrariada ou não atendida. A professora chamava a atenção dos pais, para que não continuassem a mimá-la como faziam. Os pais não viam a menina como alguém que fazia o que queria, mas como alguém que já tinha duras limitações impostas pela própria vida.

Para continuar seu trabalho com Helen, a professora propõe aos pais que a deixem isolada em outra casa, a fim de não sofrer intervenções da família naquilo que queria ensinar à menina. Interessante perceber que muitas vezes os pais podem interferir negativamente na educação dos filhos e, nesse ponto, nossa prática docente não nos permite fazer o que Anne Sullivan fez: morar sozinha com sua aluna, mesmo que por apenas duas semanas.

Este filme também pode ser utilizado em atividades com aos responsáveis pelos alunos. Em uma reunião regular para os pais de alunos com necessidades especiais, pode-se discutir com os mesmos a importância da educação em seu desenvolvimento e como ela não está restrita apenas aos conteúdos. No filme, por exemplo, a comunicação, os limites e as regras foram os destaques escolhidos pela professora. Desta forma, o uso deste filme com os pais poderia despertar a noção de que seus filhos possuem uma capacidade para o aprendizado que podem desconhecer e até duvidar. O filme também nos mostra isso - embora a mãe de Helen tenha mencionado que sua filha era muito inteligente e que isso estava escondido dentro dela em algum lugar e acreditava que a professora poderia reencontrar.

Além do fato da professora não ser “perfeita ou totalmente normal” - era quase cega apesar de nove cirurgias, foi ainda discriminada pelo pai e pelo funcionário da casa de Helen, como pôde ser constatado pela seguinte passagem do filme: *“Eles esperam que uma cega ensine a outra?”*. Percebe-se o preconceito nesta cena, mas sabemos que esse momento da vida de Anne Sullivan era muito importante e até decisivo, pois se tratava de um desafio como a educação é para todos nós professores - um grande desafio. No filme, a professora não se contenta que a aluna apenas reproduza seus sinais sem saber o que eles significam e representam. O mesmo se dá quando os professores também não se conformam ou não ignoram as reais dificuldades de seus alunos. Para tanto, devem buscar sempre novas metodologias que possam alcançá-los e serem eficazes no processo de ensino.

Outro momento do filme que choca é a descrição feita por Anne Sullivan da “escola especializada” em que passou parte de sua infância, convivendo com a sujeira, os ratos, pessoas com diferentes tipos de deficiências, doenças contagiosas e prostituição. Aspectos que certamente a família não desejava inserir na vida da pequena Helen Keller e que fazem refletir sobre a qualidade desses locais especializados ou exclusivos para pessoas com algum tipo de deficiência, quando estudados ao longo da história. Sabe-se que existem instituições sérias e comprometidas com as pessoas que são internadas ou passam um período de suas vidas nelas, mas que infelizmente isso nem sempre acontece.

A seguir foram destacados alguns tópicos que podem ser trabalhados pelos professores:

- Educação Especial;
- Deficiência física x deficiência mental;
- Limites para educação dos filhos, ainda que possuam necessidades educacionais especiais;
- Dificuldades da família em lidar com filhos deficientes;
- O perfil da professora: símbolo de paciência, compromisso, dedicação, insistência, além da preocupação em estudar antes de ensinar, do pulso firme para questões comportamentais e de acreditar no potencial do aluno.

As questões mencionadas acima podem proporcionar ricas discussões com os graduandos, que estarão sujeitos a lecionar para alunos com algum tipo de deficiência física ou mental e precisam incorporar novos subsídios que permitam problematizar a prática docente, buscar uma aproximação com as famílias e assim facilitar o desenvolvimento do trabalho com esses estudantes.

A relação professor-aluno no filme foi iniciada de forma turbulenta, mas foi amorosa no final, dado o reconhecimento do papel de Anne Sullivan.

As falas mencionadas abaixo foram destacadas ao longo do filme, já que chamaram a atenção e poderiam subsidiar parte das discussões:

“Ela é uma macaca muito esperta.”

Esta frase foi dita pelo pai da menina cega e surda, exemplificando como questões referentes ao preconceito e a discriminação podem surgir nesse contexto, inclusive por parte dos pais.

“Culpa de quem?”

Há também momentos em que o casal pode se sentir culpado em relação à deficiência do filho (a), ou até mesmo assumirem a posição de acusador um do outro, por não entenderem de que forma esse processo foi desencadeado, como podemos observar na frase acima.

“Como pode reclamar de algo que você vê?”

Na frase supracitada, a mãe questiona a impaciência do pai em relação à menina que, por ser cega, esbarra nos objetos e os deixa cair. A mãe então tenta sensibilizá-lo para a condição da própria filha, já que ele parece esquecer-se do privilégio de enxergar.

“Escrever faz mal.”

Percebendo a dificuldade em encontrar alguém que pudesse ensinar sua filha, o pai aqui alega que melhor seria não fazê-lo, afirmando que escrever faz mal. Os desafios percebidos no processo de ensino aprendizagem de pessoas com deficiência podem levar seus responsáveis a desistir de ensiná-los algumas ou muitas coisas, ainda que estas possam contribuir para o desenvolvimento cognitivo de seus filhos.

No filme, há ainda expressões que indicam as dificuldades enfrentadas por quem não encontra meios para ensinar algo a alguém com deficiência, como pode ser percebido nas próximas frases:

“Como posso colocar algo na cabeça dela?”

“É como soletrar para uma parede.”

“Obediência sem compreensão é uma cegueira.”

Finalmente, alguns aspectos do filme podem ser relacionados diretamente ao ensino, como a linguagem de sinais para leitura com as mãos ensinada por Anne Sullivan à Helen Keller, tão disposta a aprender. Destacamos também a primeira palavra de Helen Keller “water”, que ela disse ao final do filme, podendo representar a aprendizagem significativa, já que havia subsunçores da infância. Os subsunçores são estruturas de conhecimentos específicos que o aprendiz já possui e que podem potencializar a aprendizagem. A aprendizagem significativa se estabelece quando uma nova informação ancora-se em subsunçores já existentes. Trata-se do desafio do professor em favorecer as ligações do que é ensinado com o que o aluno já sabe, conforme indica Moreira (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme é impactante e inspirador no processo de ensino, pois nos permite enxergar resultados que podem ser alcançados quando há amor, dedicação, esforço, estudo e comprometimento com os sujeitos de todo esse processo: os alunos.

Aproveitamos o espaço para sugerir outros filmes, que vão desde histórias verdadeiras, dramas, até comédias e filmes infantis, que podem ser utilizados potencialmente na discussão da educação especial e da educação inclusiva, evidenciando seus desafios e possibilidades no ensino.

Filmes:

Gaby, uma história verdadeira (1987); Happy Feet: o pinguim (2006); Melhor é impossível (1997); Mentos que brilham (1991); Patch Adams (1998); Perfume de mulher (1992); Procurando Nemo (2003); Rain Man (1988); Shine – Brilhante (1996); Sociedade dos Poetas Mortos (1989); Tempo de despertar (1990); Tomates verdes fritos (1991).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Presidência da República, Casa Civil. Disponível em http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm. Acesso em 09 abr 2013.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial. **Programa Educação inclusiva: direito à diversidade - a escola** / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília, v. 3, 2004. 26 p.

MOREIRA, M.A. **Abandono da narrativa, ensino centrado no aluno e aprender a aprender criticamente**. Conferência proferida no II Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Niterói, RJ, 12 a 15 de maio de 2010 e no VI Encontro Internacional e III Encontro Nacional de Aprendizagem Significativa, São Paulo, SP, 26 a 30 de julho de 2010.

OLIVEIRA, B.J. Cinema e imaginário científico. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 13 (suplemento), p. 133-50, outubro 2006.

Filmografia

Gaby, uma história verdadeira. Direção: Luis Mandoki. Intérpretes: Robert Loggia, Liv Ullmann e outros. EUA: LK-TEL, 1987 (110min.), DVD.

Happy Feet: o pinguim. Direção: George Miller. Intérpretes: Carlos Alazraqui, Lombardo Boyar Austrália/EUA: Warner Bros, 2006 (108 min.), DVD.

Melhor é impossível. Direção: James L. Brooks. Intérpretes: Jack Nicholson, Helen Hunt, Greg Kinnear, Cuba Gooding Jr. e outros. EUA: Tristar Pictures, 1997 (138 min.), DVD.

Mentes que brilham. Direção: Jodie Foster. Intérpretes: Jodie Foster, Dianne Wiest, Adam Hann-Byrd e outros. EUA: LK-TEL, 1991 (99min.), DVD.

O Milagre de Anne Sullivan. Direção: Arthur Penn. Intérpretes: Anne Bancroft, Patty Duke, Victor Jory, Inga Swenson e outros. Roteiro: William Gibson. EUA: Classicline, 1962. (106 min.), DVD.

Patch Adams – o amor é contagioso. Direção: Tom Shadyac. Intérpretes: Robin Williams, Monica Potter, Daniel London e outros. EUA: Blue Wolf, 1998. (120 min.), DVD.

Perfume de mulher. Direção: Tom Shadyac. Intérpretes: Robin Williams, Monica Potter, Daniel London, Philip Seymour Hoffman e outros. EUA: Universal Pictures, 1992 (157 min.), DVD.

Procurando Nemo. Direção: Andrew Stanton e Lee Unkrich. Intérpretes: Albert Brooks, Ellen DeGeneres, Alexander Gould e outros. Austrália / EUA: Walt Disney Pictures, 2003. (100 min.), DVD.

Rain Man. Direção: Barry Levinson. Intérpretes: Dustin Hoffman, Tom Cruise, Valeria Golino e outros. EUA: United Artists, 1988 (128 min.), DVD.

Shine – Brilhante. Direção: Scott Hicks. Intérpretes: Geoffrey Rush, Justin Braine e outros. Austrália: Australian Film Finance Corporation (AFFC), 1996. (105 min.), DVD.

Sociedade dos Poetas Mortos. Direção: Peter Weir. Intérpretes: Robin Williams, Robert Sean Leonard e outros. EUA: Touchstone Pictures, 1989. (128 min.), DVD.

Tempo de despertar. Direção: Penny Marshall. Intérpretes: Robert De Niro, Robin Williams, Julie Kavner, Ruth Nelson e outros. EUA: Columbia Pictures Corporation, 1990. (120 min.), DVD.

Tomates verdes fritos. Direção: Jon Avnet. Intérpretes: Chris O'Donnell, Jessica Tandy, Kathy Bates e outros. EUA: Universal Pictures, 1991. (130 min.), DVD.